

A DÁDIVA E ORGANIZAÇÕES: a percepção da hospitalidade no Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados em Belo Horizonte (MG)

BEATRIZ FLEXA RIBEIRO PROENÇA GOMES DA SILVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

LEANDRO BENEDINI BRUSADIN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)

Agradecimento à orgão de fomento:
Agradecemos à FAPEMIG, CAPES e ao CNPQ

DÁDIVA E ORGANIZAÇÕES: a percepção da hospitalidade no Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados em Belo Horizonte (MG)

1 INTRODUÇÃO

Vista como um fenômeno complexo por si só, a hospitalidade é posta por Montandon (2011) como uma maneira de viver em conjunto, de estabelecer uma relação interpessoal regida por regras. Por isso, a análise sociológica da hospitalidade tem se tornado uma das principais correntes de estudos que reforça a interdisciplinaridade e multidisciplinaridade dos estudos da hospitalidade. Mais especificamente nos estudos organizacionais, a hospitalidade e a teoria da troca social (Blau, 1964) se cruzam de forma analítica no âmbito das dinâmicas de trocas, e aqui tratamos dessas relações nas interações sociais intrincadas nas esferas organizacionais envolvidas no assunto da migração e refúgio tornam esse estudo relevante.

A análise é enriquecida pela incorporação da hospitalidade sociológica nas teorias da dádiva de Mauss e na fenomenologia do acolhimento de Derrida. Corroborando o exame dos significados simbólicos e morais da hospitalidade oferecida por organizações religiosas. Essas teorias são fundamentais para compreender a hospitalidade como um ato que oferece ao outro com suas condições e incondicionalidades. Esta forma de hospitalidade ocorre na interessão entre acolher e hostilizar, mas sobretudo nas trocas.

Abordando um componente crítico da resposta humanitária global, concentrando-se em organizações religiosas que acolhem migrantes e refugiados, destacando como essas organizações desempenham várias funções, incluindo a prestação de assistência e a promoção de valores de solidariedade e justiça social. Além de enriquecer a teoria organizacional e sociológica, compreender esses fenômenos fornece insights sobre políticas públicas, práticas organizacionais e intervenções sociais destinadas a ajudar migrantes e refugiados a se integrar e integrar nas sociedades que os recebem.

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre o papel das organizações de acolhimento à migrantes e refugiados de cunho religioso, na figura do Serviço Jesuíta ao Migrante e Refugiado em Belo Horizonte (MG).

O presente estudo está estruturado em cinco seções. A primeira é esta introdução, onde foram apresentadas a contextualização, os objetivos, as premissas, a questão de pesquisa e a justificativa deste estudo. A segunda seção trata-se da fundamentação teórica, onde são apresentados conceitos centrais para o entendimento desta pesquisa. A terceira seção, por sua vez, apresenta a metodologia, onde são descritos os procedimentos e técnicas empregados. A quarta seção apresenta e discute os resultados. A quinta e última seção apresenta as conclusões deste estudo, apontando as contribuições e sugestões para estudos futuros.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Enlaço entre hospitalidade e organizações: as trocas

Entre os anos de 1923 e 1924, Marcel Mauss escreve, sobre as sociedades arcaicas, a teoria da dádiva que é obra seminal para o entendimento das relações de trocas. Esse arcabouço teórico possui abrangência e interseção com diversas áreas do conhecimento, bem como é compreendida como um fenômeno social total, que mobiliza diversas esferas da vida social, como a econômica, a política, a religiosa e a jurídica. A complexidade do estudo da teoria de Mauss pode ser usada para os estudos em migração, pois o autor baseia sua tríade no dar que, para ele, é transferir voluntariamente algo que nos pertence a alguém que não pode deixar de aceitar (GODELIER, 2001, p. 22). Ainda assim, a hospitalidade permeia a esfera condicional, já que a retribuição é necessária,

ainda que sem garantia. O dom é um ato voluntário e obrigatório, individual e coletivo, o qual pode ou não ter sido solicitado por aquelas ou aqueles que o recebem (GODELIER, 2001, p. 23), entretanto, a recíproca é esperada.

Já na abordagem contemporânea, Jacques Derrida (2003) teoriza sobre a hospitalidade em um prisma paralelo ao de Mauss, o da hospitalidade incondicional.

É com Jacques Derrida que a questão da hospitalidade se afirma. Sua origem familiar de judeus argelinos que emigraram para a França em 1949 certamente tem uma importância nisso. Sua grande contribuição à área foi a noção de hospitalidade incondicional. Hospitalidade incondicional é abrir as fronteiras, sejam elas físicas e/ou psíquicas, considerando que o estrangeiro é um forasteiro, ou seja, ele não conhecerá o idioma, as regras de conduta da localidade ou grupo. Sendo assim, o anfitrião precisa agir de modo que permita o estrangeiro se adaptar ao novo ambiente que se insere. Na hospitalidade incondicional, o anfitrião é o responsável pela adaptação e felicidade do que chega. (MARCELINO; CARMARGO, 2017, p. 53).

Derrida (2003) enfatiza o valor do "acolhimento" do outro com incondicionalidade. De acordo com Derrida, a hospitalidade genuína requer uma abertura total e irrestrita ao estrangeiro, e transforma a obrigação da reciprocidade no ato sublime de não esperar nada em troca. Essa perspectiva vai além do conceito de hospitalidade, enfatizando os aspectos morais e políticos da hospitalidade.

Brusadin (2020, p. 263, tradução nossa) afirma que “[...] as aspirações incondicionais de quem troca, ainda que existam condições para que o sistema do dom funcione, o dom puro está na hospitalidade incondicional, que não impõe nenhuma reserva nas relações de troca”. Derrida (2003) crê que a hospitalidade está no ato de acolher o inesperado no inesperado, algo que se assemelha muito mais ao ideal espiritual da caridade. No entanto, o próprio reconhece que essa forma de fazer o acolhimento é utópica ao finalizar sua explicação e discussão sobre a hospitalidade incondicional em sua obra.

Mesmo que Derrida (2003), Mauss (2003) e os demais autores da hospitalidade sociológica clássicos e modernos tenham pontos de vista diversos sobre as abordagens tanto de estudo, quanto ritualísticos da prática social do acolhimento, há de se fazer consenso no ponto que aparenta ser uma problemática, ou conceito a ser analisado por todos: a relação de poder. Tal relação se torna fator crucial no entendimento de como se dão o acolhimento ou a hostilidade com o outro, uma vez que todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído (SILVA, 2014, p. 19). A prerrogativa do poder será tratada com mais profundidade a frente, entretanto já se faz fulgente em todas as áreas aqui analisadas.

Assim, de acordo com a teoria da dádiva de Mauss (2003) e a fenomenologia do acolhimento de Derrida (2002), a abordagem da hospitalidade oferece uma visão mais ampla que vai além do simples receber e hospedar. Por outro lado, essas teorias colocam maior ênfase na complexidade das interações humanas e na importância das trocas simbólicas e sociais no processo de acolhimento.

Nesse sentido, a hospitalidade pode ser analisada de maneira interdisciplinar, especialmente no campo dos Estudos Organizacionais, e aqui faz-se necessário esclarecer que buscamos trazer o viés sociológico para organizações não hegemônicas e não comerciais. Esses diálogos se tornam possíveis utilizando-se da Teoria da Troca Social e da abordagem fenomenológica.

Em definição, o principal pressuposto na Teoria da Troca Social de Blau (1964), é que "as estruturas sociais são o resultado de trocas sociais entre indivíduos" (ou organizações) que tentam com essas trocas "equilibrar o rácio entre inputs e outputs". As trocas sociais podem ser simplesmente sociais ou a uma combinação de trocas sociais e econômicas, portanto esta foca-se nas relações sociais e nos laços pessoais entre os atores que moldam a troca de recursos e benefícios (BIGNOUX, 2006, p. 619).

Defende que as pessoas formam e mantêm relações quando acreditam que vão sair beneficiadas desses relacionamentos (quando os ganhos são maiores que os custos) (PEREIRA, 2005, p. 1990), assim Tanto a Teoria da Dádiva de Mauss quanto a Teoria da Troca Social de Blau enfatizam a reciprocidade como um princípio fundamental. Mauss amplia a ideia de Blau para incluir obrigações sociais e simbólicas que criam laços duradouros entre pessoas e grupos, enquanto Blau se concentra na troca de benefícios materiais e sociais. Neste sentido, a hospitalidade pode ser vista como uma forma de dádiva e reciprocidade, em que o anfitrião oferece acolhimento e o hóspede responde de alguma forma.

Os estudos de migração e refúgio desempenham um papel crucial na Teoria das Trocas Sociais ao iluminar as complexas dinâmicas de interação e reciprocidade que ocorrem entre migrantes, refugiados quem os recebem. O quem neste trabalho é sobretudo na figura das organizações de cunho religioso que se propoem a este acolhimento. Nas pesquisas que escolhem a organização como unidade central de análise, os pressupostos da teoria da troca podem também ser adaptados ao nível organizacional.

A teoria da troca transposta para o nível da organização defende que as pessoas que trabalham nas organizações negociam entre si decisões acerca de comportamentos e objetivos organizacionais, moldando coletivamente as suas interações para manter equilíbrio nos lugares de poder e nas trocas de recursos. Assim, as estruturas organizacionais resultam de manter o equilíbrio das trocas; a comunicação organizacional ocorre ou falha de acordo com o equilíbrio dessas trocas; o conflito organizacional acontece quando os inputs e os outputs não estão equilibrados e há uma recusa em restaurar esse equilíbrio; a mudança organizacional resulta da negociação contínua dos inputs e outputs. (Botam, 1989, p.72)

Dessa forma, a hospitalidade não pode ser entendida de forma maniqueísta, pois está na intercessão subjetiva do que se considera bem e mal, na desconstrução de estereótipos e na abertura às diferenças. A hospitalidade é a abertura em um mundo fechado, no qual as pessoas consideram que ser fechado é a melhor opção no que tange à segurança, proteção material, física ou psicológica (MARCELINO; CAMARGO, 2017, p. 54). É importante reconhecer a si e ao outro nesse processo, em especial quando se adentra na seara dos estudos migratórios, uma vez que esses indivíduos se tornam vulneráveis e experienciam dessas dualidades de uma maneira ímpar. Ao relacionar essas diferentes perspectivas teóricas, podemos obter uma compreensão mais ampla da hospitalidade dentro de contextos organizacionais, considerando tanto os aspectos da troca social, da experiência fenomenológica e da dádiva, como também a necessidade de uma abertura genuína e do reconhecimento da alteridade do outro.

Cabem, neste ponto da discussão, compreender a organização como um lugar de trocas e hospitalidade. Assim, cabe conhecer estas organizações de cunho religioso e seus papéis sociais na relação com a hospitalidade. O migrante e refugiado são atores importantes para este contexto pois são eles os outros em vulnerabilidade que põem em prática as trocas e dinâmicas organizacionais em perspectiva.

2.2 Construindo redes de hospitalidade: migração, refúgio e o trabalho das organizações religiosas

No senso comum, o termo hospitalidade é confundido com as prerrogativas de bom atendimento ou mesmo com a suposta cordialidade. Essa premissa é amplamente difundida no âmbito comercial e em estudos científicos. No entanto, na égide da Dádiva e das trocas, todos os lados precisam ter protagonismo, quem recebe e quem é recebido. Em justificativa do presente trabalho se atentar a uma organização religiosa com fins de atendimento à migrantes e refugiados, se averigua uma população que já hostilizada em si e como organizações com este propósito de auxílio encontram formas de acolher.

As pesquisas acadêmicas estão se interessando cada vez mais pelo fenômeno migratório, pois é um objeto de estudo complexo e envolve várias motivações, dimensões e objetivos, tornando-se interdisciplinar e envolve várias abordagens teóricas. Gotman (1997) define que

A hospitalidade também pode ter uma dimensão coletiva e um carácter de obrigação que, durante muito tempo, foram religiosos (e associados à ideia de caridade) e que hoje em dia estão mais relacionados com o serviço público e o campo da proteção social (pensa-se em habitação social, hospitais de habitação social, hospitais etc.), ou no domínio comercial (hotéis, em particular). Finalmente, seria a base dos direitos: direitos internos dos Estados que rege o estatuto das pessoas estrangeiras, deslocadas ou expulsas (direito de entrada, direito de asilo); e convenções interestatais que definem o quadro de relações diplomáticas. Entende-se que a sociedade com uma divisão do trabalho social classifica preferencialmente a hospitalidade na categoria de liberalidade, do lado da espontaneidade e não do lado social, convenções sociais ou lei. (Gotman, 1997, p. 5).

Compreendemos que o processo migratório advém de uma busca por melhores condições de vida e sobrevivência que não foram possíveis nos países de origem, são pessoas em deslocamento querendo construir sua humanidade. Isso resulta em conflitos territoriais em que o Estado buscar controlar de acordo com seus próprios interesses.

A importância do Estado nas migrações internacionais não significa afirmar que ele é necessariamente o fator mais relevante na formação e na manutenção dos fluxos. As migrações internacionais não são causadas exclusiva ou principalmente pela ação do Estado. No entanto, ele, por meio de políticas de imigração e cidadania, é um importante fator explicativo no processo de formação dos fluxos e ajuda a moldar a forma que esses fluxos adquirem (REIS, 2006, p. 150).

No entanto, a participação desse mesmo Estado é de suma importância para mediar conflitos advindos dos fluxos migratórios. Como apontam Hogan e Marandola (2006, p. 43), a sociedade espera que a ciência a ajude a reduzir a incerteza, o que coloca esta última numa situação de incrível ambiguidade, pois a incerteza faz parte da realidade, em especial em questões como as mudanças ambientais globais e a vulnerabilidade.

As razões para isso podem ser distintas: pode ser a falta de informação, ou certo tabu que esse tema tem na sociedade, ou ainda a crise migratória em constante crescimento. Todavia, um ponto deve-se destacar na tentativa aqui proposta de compreender o porquê de tamanha desigualdade, é algo mais profundo: a desigualdade econômica e social que assola a humanidade como um todo e fere a dignidade do ser humano. Quanto maior o número de riquezas concentradas e os privilégios a defender, maior o temor sobre a presença de migrantes e refugiados; em suma, atrela-se parte do problema ao poder. É responsabilidade primária do Estado acolher essas pessoas, e o poder é impedimento direto para tal, como aponta Brusadin (2020):

Primeiro, não é da mesma ordem, porque a condição de refugiado é do Estado. Na medida em que pessoa privada, eu não posso decidir. Há uma questão de legislação e medidas governamentais. Políticas governamentais, nacionais, europeias ou qualquer outra coisa. Então, há ações para vários níveis. Ou lutamos para que a legislação seja mais favorável, ou lutamos porque uma vez as pessoas estão lá, nós facilitamos a vida delas. E, então, há uma terceira possibilidade, ou seja, mesmo que eles estejam lá clandestinamente, finalmente ilegalmente, ainda os ajudamos também. Mas acho que existem vários níveis e que não há um que possa substituir o outro. Eles devem apoiar um ao outro, reforçar um ao outro. (Brusadin, 2020, p. 786)

De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), o número de pessoas forçadas a deixar suas casas tem crescido ano após ano durante a última década e se encontra no nível mais alto desde que começou a ser registrado, consolidando uma tendência que só pode ser revertida por um novo e combinado esforço em favor da paz. Por volta de maio de 2022, mais de 100

milhões de pessoas estavam deslocadas forçosamente em todo mundo, devido a perseguições, conflitos, violência, violações dos direitos humanos ou eventos que perturbaram a ordem pública. O Brasil, com 708.000 deslocamentos, em grande parte devido a enchentes causadas por chuvas fortes, teve o maior número de deslocamentos por desastres na região.

Segundo o Comitê Nacional para Refugiados (CONARE) em parceria com o Observatório das Migrações Internacionais (Obmigra) registrou em 2023, 29.467 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, que corresponderam a pouco mais da metade (50,3%) dos pedidos recebidos pelo Brasil naquele ano e desse número 112.644 foram de venezuelanos. No mundo, de acordo com o relatório divulgado em 07 de maio de 2024 da Organização Internacional para Migração (OIM) 281 milhões de migrantes internacionais em todo o mundo, ou 3,6% da população mundial.

Apesar da toxicidade de algumas narrativas políticas que se baseiam no ódio e na divisão, a migração há muito tempo tem servido bem a muitos milhões de pessoas em todo o mundo - seja na origem, em trânsito ou nos países de destino - oferecendo oportunidades e enriquecendo suas vidas. [...] Além disso, as táticas de desinformação estão sendo cada vez mais usadas por agentes nefastos, com impactos negativos sobre o discurso público, político e das mídias sociais sobre a migração. A "normalização" da narrativa da migração é um fator essencial para que se possa perceber os benefícios da migração. Diante de discussões negativamente distorcidas, pode ser fácil perder de vista o fato de que a migração internacional continua sendo relativamente incomum, com apenas 3,6% (ou 281 milhões) do mundo sendo migrantes internacionais. (OIM, 2024, p. 45)

O Estado é o responsável primário do acolhimento desses sujeitos quando adentram seus territórios. Cabe a ele fazer digna essa acolhida e isso só é possível dentro de um prisma que envolve a legalidade. É necessário que o direito local e o direito internacional sejam base para reconhecer naqueles que não nasceram num lugar o direito de intervir na vida política desse lugar (SANTOS, 2018 p. 258). Porém, em uma perspectiva global, vê-se a utilização de políticas de segregação e hostilidade que vão na contramão dos direitos humanos e do acolhimento incondicional outrora proposto por Derrida. Brusadin (2020) endossa essa inquietude quando afirma que a hospitalidade é um recurso utópico e é a natureza anacrônica da hospitalidade que a torna um valor infrapolítico, uma espécie de lei ética quase natural que deve ser enfrentada nas leis estaduais inóspitas (Brusadin, 2020, p. 266).

Buscando ser ponto díspar desta hostilidade reproduzida pelo Estado, as organizações de cunho religioso buscam fazer o papel de acolhimento a esta população vulnerável. Nutridos pelos preceitos de caridade e bondade pregados por suas religiões e fé, pessoas trabalham nestes lugares, em busca de algo ainda inominado que buscamos compreender. No intuito de descobrir-mos motivações e as trocas intrínsecas, faz-se necessário analisarmos as relações entre hospitalidade e religião que, em linhas gerais, partem de conceitos históricos com o enfoque no catolicismo, visto que o objeto de estudo é o SJMR.

Não se pode pensar em dádiva e hospitalidade sem um elo espiritual. Por um lado, o dom pode ser material, assim como o aposento reservado ao hóspede é um lugar concreto, mas, por outro lado, isso não basta para que a ligação de confiança seja estabelecida. Isso dependerá de um elemento imaterial, um elo espiritual, ou religioso, como se queira ou defina (FUNARI; FREDERICO, 2017, p. 283). Os autores se referem ao religioso como algo espiritual; nesse sentido, podemos, então, compreender que as trocas que acontecem nesse nível são profundas e podem ser determinantes para se acontecer acolhida ou hostilidade.

Nesse universo do sagrado, do religioso e da fé, a hospitalidade se faz presente nas maneiras convencionais que pensamos em acolhimento em um lar, seja de um irmão em necessidade, seja de uma imagem para orar, bem como na caridade de uma cesta básica em uma campanha fraternal, ou uma palavra amiga de um líder religioso, em cânticos e celebrações, e até mesmo de um forasteiro migrante que adentra determinado território. O sacrifício causa o interesse, a obrigação, a espontaneidade e o altruísmo; dessa maneira, é o dom uma doação (Brusadin, 2017, p. 348).

Essas relações entre religião e hospitalidade são observadas em todo tempo da história, ao redor do mundo e nas mais diferentes demonstrações de crença. O preceito de hospitalidade e migração com essas nomenclaturas pode ser atual, mas o pensar nisso do ponto de vista religioso, não. Durante os primeiros séculos, a tradição patrística inicia uma reflexão teológica sobre o acolhimento e a hospitalidade cristã. Diversos padres apostólicos, e depois os padres apologistas, refletem sobre as migrações a partir de perspectivas diversas (ARES, 2019, p. 5). Para esse autor, essa busca dos cristãos pela hospitalidade incondicional (mesmo que não use os preceitos de Jacques Derrida em suas análises) é o que move o verdadeiro fiel, visto que Deus, o que se almeja ser, assim o faria.

É nesse contexto de injustiça, de conflito, de cegueira aonde Deus se encarna. A misericórdia de Deus se põe em caminho fazendo redenção e praticando a justiça; move à nação. Um Deus que, se dando gratuitamente, se esvazia de si mesmo de tudo, menos de amor, e se converte em um de tantos, especialmente num migrante, passando por uma condição de vulnerabilidade e de acompanhamento num profundo ato de solidariedade divina. A passagem de Mateus, no capítulo 25, nos apresenta Jesus assim: “E quando te vimos estrangeiro, e te acolhemos?... Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes (Mt 25, 38; 40). Jesus se torna o refugiado. (ARES, 2019, p. 22).

Para ele, o ato de hostilizar o irmão migrante ou refugiado vai de encontro a todos os ensinamentos e leis divinas, dividindo os cristãos,

Nos países ocidentais, a maioria dos cristãos se sentem cômodos com a ideia de Estado-nação em que se aceita a assunção de que os países em que vivemos são “nossos” e que, como poderosos anfitriões, somos chamados a agir benévola e caritativamente com os estrangeiros. Muitos discursos desses pressupõem uma noção de nação como sinônimo de “família” ou “lar”, expressado com termos como “a terra de nossos pais/mães ou ancestrais”, “cuidar da nossa herança”, “proteger nossos lares”. No outro extremo, se encontram aqueles fiéis que vivem a sua cidadania como manifestação do fato de partilhar o pertencimento e essa grande família dos cristãos, através do corpo de Cristo. (ARES, 2019, p. 16).

A igreja e seus fiéis, portanto, têm a missão de acolher o outro sem discriminação de cor, origem, gênero. Um elemento central da missão de Jesus e, portanto, da igreja é a hospitalidade, que se vive de maneira especial, por meio do ministério da reconciliação, de fazer pontes em um mundo despedaçado, rompendo os limites do legal-ilegal, do puro-impuro e da inclusão-exclusão (ARES, 2019, p. 22).

A partir dessas reflexões, é possível entender a complexidade do tema, mas nos é caro ressaltar que Leão XIII, que é o primeiro papa, elabora um documento específico sobre as migrações, autorizando a constituição de paróquias nacionais, sociedades e patronatos a favor dos imigrantes por meio da *Carta Quamaerumosa*. Os sucessores desse papa seguem a linha do seu predecessor, instruindo obras católicas específicas para os emigrantes (ARES, 2019, p. 14). Dessa forma, a partir desse sentimento de ajudar e ser ajudado por Deus e demais santos, surgem projetos para migrantes e refugiados das mais diversas esferas religiosas, em específico as católicas. Podemos, então, adentrar o objeto empírico em si e conhecer o SJMR.

3 METODOLOGIA

Para tanto, em relação à metodologia empregada, fez-se uma breve reflexão teórica, buscando utilizar-se de obras basilares no âmbito da hospitalidade e dos estudos organizacionais no intuito de traçar possíveis estudos interdisciplinares em ambas vertentes.

A coleta de dados inclui-se a observação participante de uma das autoras na organização SJMR em Belo Horizonte, e com entrevistas semiestruturadas realizadas no local com colaboradores por acessibilidade. Por meio da metodologia da observação participante, que busca

entender as relações em um ambiente estudado e que, como técnica utilizada em investigação, há que realçar que seus objetivos vão muito além da pormenorizada descrição dos componentes de uma situação, permitindo a identificação do sentido, a orientação e a dinâmica de cada momento (SPRADLEY, 1980, p.52).

Podemos considerar que a Observação constitui uma técnica de investigação, que usualmente se complementa com a entrevista semi-estruturada ou livre, embora também com outras técnicas como análise documental, se bem que a mesma possa ser aplicada de modo exclusivo. Para a sua utilização como procedimento científico, é preciso que estejam reunidos critérios, tais como o responder a objetivos prévios, ser planeada de modo sistemático, sujeita a validação e verificação, precisão e controle. (MÓNICO et al., 2017, p. 31).

Tal metodologia auxilia na melhor compreensão das relações de hospitalidade que ocorrem no local da pesquisa. Como elucidam Mónico e outros (2017, p.32), nesse tipo de pesquisa, o investigador está desde o início sendo observado, daí a necessidade de se construir uma base de confiança e empatia nos momentos de observação. Essa vinculação foi construída entre o SJMR-BH e a pesquisadora assim que o local foi definido e as conversas se iniciaram, trazendo o estudo de campo à vida.

[...] o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias. (GIL, 2008, p. 53).

Corroborando essa explicação, Lapassade (2001) afirma que

[...] designar o trabalho de campo no seu conjunto, desde a chegada do investigador ao campo de pesquisa, quando inicia negociações para conseguir acesso a este e se continua numa visita prévia, com o reconhecimento do espaço ou campo de observação. Pode conjugar o estatuto de investigador/observador, mesmo que seja conhecido por uma parte do grupo, sendo que este trabalho de campo continua em cada momento/ “tempo” de presença e até que o investigador o abandona depois de uma estadia mais ou menos longa. (p. 19).

Quanto aos fins, a análise dos dados houve a interpretação utilizando uma abordagem qualitativa, contextualizando os conceitos discutidos com a problemática explorada ao longo do texto. Posta a explicação metodológica, iniciamos, então, a jornada de interações, investigação e cognição da pesquisadora para com as relações de hospitalidade exercidas no SJMR-BH

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Reflexões de Campo: o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados em Belo Horizonte (MG)

Os primeiros contatos acontecem de forma eletrônica, com trocas de *e-mails* iniciadas em 29 de março de 2022, em que, por meio da internet, a pesquisadora descobre o SJMR Brasil e a existência de um escritório em Belo Horizonte, que, por proximidade geográfica, seria a melhor opção para conseguir dar seguimento nos estudos. Após mais de um ano de conversas, idas ao escritório em Belo Horizonte, mensagens e ligações, algumas negativas de entrevista com as migrantes e refugiadas, por motivos éticos e legais, há a aplicação das entrevistas semiestruturadas, após a assinatura do TCLE e aprovação do Comitê de ética através do parecer

de número 6.067.646.

Após a negativa das entrevistas diretas com as migrantes e refugiadas surge a ideia de fazer uso da metodologia da observação participante, que não só poderia elucidar de maneira mais verossímil as relações do dia a dia do projeto, como traria uma ótica enriquecedora ao processo.

No dia 16 de maio de 2023, a pesquisadora vai a campo depois de conseguir uma autorização para realizar a observação participante. Para tal, foi firmado, implicitamente, o contrato de não expor a identidade de nenhuma colaboradora e, principalmente, de nenhuma migrante ou refugiada que seria atendida.

Criado em 1980, o SJMR é uma organização internacional vinculada à Companhia de Jesus, especializada em migração, deslocamento forçado e refúgio. Esse programa foi iniciado pelo padre Pedro Arrupe, superior-geral dos jesuítas, que viu o impacto devastador da guerra sobre o povo no Japão, país onde cuidou das vítimas da bomba atômica de Hiroshima. A iniciativa fora ainda mais marcante porque ocorreu numa época na qual os jesuítas estavam sendo forçados a reduzir os custos, devido ao número decrescente de membros, mas as vítimas de guerra dessa vez, eram refugiados do Vietnam.

Atualmente, o SJMR está organizado em 50 países e tem beneficiado milhares de pessoas, com a prestação de serviços gratuitos, intervenções emergenciais, proteção, projetos de educação, integração, apoio psicossocial e pastoral. No contexto nacional, a instituição atua em favor de um maior acolhimento e hospitalidade da sociedade brasileira aos migrantes e refugiados, promovendo e protegendo sua dignidade e direitos e acompanhando seu processo de inclusão e autonomia. A missão do SJMR é promover e proteger a dignidade e os direitos de migrantes e refugiados vulneráveis no Brasil, acompanhando seu processo de inclusão e autonomia, incidindo na sociedade e no poder público para que reconheçam a riqueza da diversidade humana. A instituição tem como valores a autonomia, priorização de pessoas, colaboração diversidade, excelência e justiça. Entre as áreas de atuação está assessoria em empreendedorismo, assistência social e jurídica, capacitação para a inserção laboral, cursos de português, cursos profissionalizantes, elaboração de currículos e mediação para vagas de emprego.

Figura 1 – Logotipo SJMR



Fonte: Serviço Jesuíta à Migrantes e Refugiados

No Brasil, o Serviço tem escritórios em Brasília (DF), Belo Horizonte (MG), Boa Vista (RR), Manaus (AM) e Porto Alegre (RS). Em específico, o objeto de estudo desta pesquisa será o SJMR da cidade de Belo Horizonte (MG), que se inicia por volta de 2011, criado por um grupo de pessoas que estudava na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

O prédio onde a sede do SJMR-BH está e, por isso, aqui apenas se salienta que o prédio está localizado na Av. Amazonas, nº 641 – 17º andar – Centro de Belo Horizonte e sua entrada passa despercebida pelos transeuntes, que ali não precisam adentrar. Trata-se de um prédio comercial cinza, com uma recepção de pessoas sempre conversando, que abriga em seus mais de 17 andares, médicos, advogados e em um andar todo do escritório do Serviço. Ainda há semelhanças notáveis em moldes tradicionais das organizações, esteticamente, com horários e

burocracias a serem cumpridas no dia a dia laboral, entretanto, as relações entre a equipe e os atendidos, que entram e saem constantemente das portas adesivadas com logos e mensagens em diferentes línguas, é bem diferente do modelo institucional hegemônico, o que pode ser vinculado, em certo nível como mecanismo de acolhimento.

Mesmo não sendo a única sede na cidade – pois há o lugar designado apenas ao acolhimento do povo da etnia Warao –, é adentrando esse escritório que a pesquisadora, alguns meses depois de sua última visita, depara-se com uma nova disposição da recepção. Uma mesa com computador, em vez de um balcão, uma televisão ligada em um programa matinal e algumas pessoas já sentadas nas cadeiras. Esse lugar é aprestado na Figura 2.

Figura 2 – Recepção do SJMR-BH



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Pontos importantes a se salientar nesse espaço de recepção é a figura do papa Francisco, demonstrando que ali se trata de uma instituição de cunho religioso católico. A figura do papa é a maior autoridade encarnada da igreja católica; o atual papado tem sido observado com bons olhos pelos fiéis, em especial pelos mais jovens, pois tem tido um discurso franciscano de caridade e se mostra atento aos novos tempos e aos mais vulneráveis.

Frente ao grande aumento global dos fluxos migratórios forçados, o Papa Francisco, procedente ele próprio de uma família migrante, em várias encíclicas e documentos ministeriais (RG, AL, LS), insiste em oferecer grande apoio e especial olhar aos imigrantes e refugiados. Na atualidade tem se convertido em um dos grandes líderes mundiais que tem focado especialmente a realidade de dor e sofrimento, além da riqueza e esperança que trazem as pessoas migrantes. (ARES, 2019, p. 15).

Em específico, o SJMR-BH possui três grandes frentes: a proteção (cuida das questões documentais e jurídicas), a integração social (facilita o acesso aos serviços públicos, como Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas), abrigos, hospitais etc.) e o meios de vida (responsável pela empregabilidade e empreendedorismo).

Na Proteção, o processo é mecânico e há uma exaustiva burocracia jurídica, sem contar a barreira linguística. Entretanto, há um carinho intrínseco por parte da colaboradora, que busca sempre o olhar de quem é atendido, pergunta genuinamente sobre o estado de espírito daquela pessoa e tenta auxiliar para além de sua função designada.

Já no Meios de vida, a colaboradora, uma refugiada venezuelana, explica que o SJMR possui cinco eixos transversais de atuação (proteção, integração, incidência, pastoral e meios de vida), mas que cada escritório trabalha com os eixos possíveis. Nos meios de vida, trabalha-se com a recuperação da dignidade da pessoa migrante e refugiada, informa-se sobre os direitos

do trabalho, busca-se inseri-los no mercado formal de trabalho e auxilia-se os que querem empreender, dando consultorias e trabalhando para obtenção das documentações necessárias para tal. Essas funções reforçam o que Camargo e Brueno (2011) elucidam quando dizem que a hospitalidade, como dimensão da dádiva, constitui-se também numa manifestação antiutilitarista de resgate do vínculo social, uma vez que motiva o reexame das relações sociais, auxiliando no seu fortalecimento em detrimento do privilégio dado às relações econômicas e do individualismo.

Meios de vida, é o único setor que não foi possível realizar a pesquisa de campo com caráter observatório. Ali é onde ocorre o primeiro contato com os migrantes e refugiados, onde se busca facilitar o acesso aos serviços públicos de direito e pode haver alguns acompanhamentos psicológicos. Dessa maneira, reforçando os motivos legais e de ética da preservação da identidade e integridade dos atendidos, não se realiza pesquisa. Entretanto, em conversa com colaboradora que trabalha nesse setor, ela diz que ali há uma compreensão do limite institucional, de modo que alguns migrantes e refugiados são encaminhados para outro setor ou órgão adequado.

O SJMR-BH vai além de um lugar puramente assistencialista de serviços básicos de moradia e comida, transcende as paredes da instituição e vai para o âmbito governamental. Atualmente, o SJMR-BH, para além do atendimento no escritório a pessoas das mais diversas nacionalidades, desenvolve um projeto em parceria com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) no acolhimento de indígenas refugiados da etnia Warao, com 96 pessoas. Esses povos originários venezuelanos já estão em território brasileiro há 5 anos, como Rosa e outros (2021) elucidam:

A presença Warao é registrada no Brasil desde meados de 2014, mas se manteve pouco expressiva durante os primeiros anos. Foi somente a partir de meados de 2016, em decorrência do agravamento da crise na Venezuela, com desabastecimento de produtos básicos, hiperinflação e aumento da violência, que o processo de deslocamento de venezuelanos/as indígenas e não indígenas para o Brasil se intensificou. (Rosa et. Al, 2021, p. 23).

Outra atribuição do SJMR-BH é fazer parte de pesquisas, comissões e estar em conexão com setor público e privado nos movimentos de debate sobre migrantes e refugiados no estado. Dessa maneira, como membro do comitê Estadual de Atenção ao Migrante, Refugiado e Apátrida, Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas e Erradicação do Trabalho Escravo de Minas Gerais (Comitrate), o SJMR participa ativamente tanto da criação do 1º Plano Estadual de Políticas Públicas para Refugiados, Migrantes, Apátridas e Retornados de Minas Gerais, quanto do Projeto de Lei nº 3.200/2021, que visa garantir melhorias e articulações no âmbito legal e político para migrantes e refugiados em Minas Gerais.

As dificuldades enfrentadas por esses indivíduos já são expostas por Anzaldúa (2021), quando diz que

[...] encaixado numa cultura, preso entre duas culturas, na encruzilhada de três culturas com os seus respectivos sistemas de valores, o mestiço sofre uma luta de carne, uma luta de fronteiras, uma luta interior. Como todas as pessoas que têm mais do que uma cultura ou que vivem em várias, recebemos mensagens múltiplas, por vezes contraditórias. (Anzaldúa, 2021, p. 16).

Compreender essas interlocuções culturais e sociais tão distintas que buscam soar em uníssono é um dos papéis do SJMR. Esse papel se reflete não somente no 1º Plano Estadual, mas em diversas áreas do poder público.

Ainda na esfera organizacional, apesar de, como um serviço que está em constante análise e mudança, ainda há lacunas a serem preenchidas, como aponta a Entrevistada 1:

Na minha opinião, nosso trabalho é bem completo porque alguns chegam achando que vai ser só o documento, e vamos além, do teto, ao documento, até trabalho, doações, mostrar os serviços públicos, Creas, por exemplo mostramos como fazer o cadastro, hospital, já fomos com vários migrantes ao hospital, questão de idioma também, a gente vai realmente até onde a gente pode, até coisas além do que propomos. Então, acho que assim, nós falamos que não é só um atendimento, é um acolhimento, a gente acolhe aquela pessoa. Mas acredito, sim, que a gente tem um atendimento sim bem completo. (ENTREVISTADA 1, 2022).

Sobre as necessidades do SJMR, ela prossegue,

Acho que o que tem em falta aqui, mas é uma coisa que vamos retomar, é questão de educação e validação de diploma, porque assim, muitas pessoas, muitos dos migrantes chegam aqui com uma formação superior e por questão de diploma não podem usar né? Então assim a gente tinha uma parceria com uma ONG que fazia isso, que é a Compassiva que fazia todo esse processo, mas atualmente por falta de verba eles estão sem condições, mas assim, é algo que a gente quer retomar e ajudar essas pessoas a revalidarem os diplomas e conseguir empregos melhores, porque isso limita muito eles a conseguir empregos melhores, e limita mais a empregos operacionais. Então é bem complicado, mas eu acho que isso falta que sabe? Ter esse braço, mas o que a gente tem aqui, sabe, eu já acho que é bem completo, sabe? (ENTREVISTADA 1, 2022).

Após a conclusão da pesquisa de campo, foi possível observar que os funcionários, sempre conseguiram estabelecer conversas entre os setores quando trabalhavam em conjunto para resolver casos específicos de forma mais eficaz para a pessoa atendida. Mesmo que alguns atendidos demonstrassem algumas hostilidades ocasionais, sentiam-se acolhidos. Todos estão dispostos a ajudar por motivos pessoais, religiosos, financeiros ou outros.

Mesmo que não fosse dito ou mesmo percebido por elas, havia um interesse em fazer aquele trabalho, o que afastava até certo ponto a hospitalidade incondicional que se acreditava naquele ambiente, no entanto, sentia-se invisível e impotente. Mesmo que numa relação de troca social, a confiança entre as partes é necessária porque existem alguns riscos inerentes de que os benefícios proporcionados não sejam retribuídos (Cotterell, Eisenberger e Speicher, 1992). Uma vez que a natureza e o momento desses benefícios não são específicos (Blau, 1964). Porém, nesse tipo de organização as motivações religiosas e altruístas mantêm os funcionários motivados e acolhedores, apesar das barreiras linguísticas e burocráticas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo geral refletir sobre o papel das organizações de acolhimento à migrantes e refugiados de cunho religioso, na figura do Serviço Jesuíta ao Migrante e Refugiado em Belo Horizonte (MG).

A perspectiva ampliada e a capacidade de compreender a hospitalidade a partir de vários pontos de vista foram alcançados com o uso da abordagem multidisciplinar. Além disso, a abordagem enfatiza a importância de estudos com viés sociológico em vários campos de estudo, particularmente nos estudos organizacionais e de migração e refúgio.

Revisitar a história da hospitalidade, explorar os conceitos e caminhos da migração contemporânea e ver os campos que sempre foram considerados singulares tornarem-se plurais foi uma parte fascinante desta pesquisa. Mesmo que o uso da Teoria das trocas sociais tenha sido breve e superficial, isso não invalida nosso ponto de vista aqui adotado; em vez disso, pode servir de inspiração para estudos mais aprofundados sobre o assunto.

Os estudos de migração e refúgio, para além de melhorarem nossa compreensão das

dinâmicas e dimensões sociais a partir da Teoria das Trocas Sociais, eles também mostram como as trocas de afetos, recursos e serviços são mediadas e negociadas em contextos de mobilidade humana e diversidade cultural sob a égide da Teoria da dádiva e a fenomenologia do acolhimento. A construção de sociedades mais inclusivas e robustas depende dessa interação constante entre vários grupos sociais.

Embora a pesquisa tenha encontrado algumas conclusões e direções para o futuro, ela não é nem pretende ser um estudo final, pois há muito a ser estudado sobre o assunto. A hospitalidade é o resultado da intercessão entre acolher e hostilizar; isso pode ser encontrado nas conversas de Mauss e no esforço de incondicionalidade de Derrida. Embora a migração seja um fenômeno que existe há muito tempo, atualmente pode estar passando por sua pior fase.

É possível que um dos benefícios deste trabalho seja nos preocupar com essa população que aumenta a cada dia. Além disso, esperamos que, por meio dos vários pontos de vista discutidos, ajude na educação sobre o assunto e, principalmente, promova debates, lutas por direitos e luta contra a xenofobia em relação a migrantes, refugiados e apátridas. A pesquisa propõe estudos futuros para desconstruir pensamentos engendrados sobre a hospitalidade e a migração, com mais estudos de perspectivas decoloniais e voltados para invisibilizados em um movimento já invisibilizado. Isso apesar dos problemas encontrados durante a pesquisa, incluindo problemas com a língua, entrevistas, incompatibilidade de agendas com o local estudado e falta de material bibliográfico sobre estudos da hospitalidade.

REFERÊNCIAS

ARES, A. M. **Filhos e filhas de um peregrino**. Rumo a uma teologia das migrações. Brasília: Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados Brasil, 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BIGNOUX, S. Short-term strategic alliances: a social exchange perspective. **Management Decision**, v. 44, n. 5, p. 615–627, 2006.

BLAU, Peter M. Justice in social exchange. **Sociological inquiry**, v. 34, n. 2, 1964.

BOFF, L. Virtudes para um outro mundo possível. **Hospitalidade: direito e deveres de todos**. v. 1. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOTAN, Carl H.; HAZLETON, Jr., Vincent. **Public Relations Theory**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1989.

BRUSADIN, L. B. L'hospitalité aux immigrants et les frontières urbaines: du régime des échanges conditionnels de Mauss à l'hospitalité inconditionnelle de Derrida. **Territórios e Fronteiras**, v. 13, n. 2, p. 256-274, 2020a.

BRUSADIN, L. S. P. O Acolhimento cristão e as obras de misericórdia corporais: a salvação das almas por meio das ordens terceiras carmelitas das Minas Gerais. In: BRUSADIN, L. B. (org.). **Hospitalidade e dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento**. Curitiba: Editora Prismas, 2017. [n.p.].

CAMARGO, L. O. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 42-69, maio 2015.

CAMARGO, R. S. S.; BUENO, M. S. Dádiva e hospitalidade na Bíblia.

Hospitalidade, v. VIII, n. 2, p. 52-70, jul-dez. 2011.

COTTERELL, Norman; EISENBERGER, Robert; SPEICHER, Hilda. Inhibiting effects of reciprocation wariness on interpersonal relationships. **Journal of personality and social psychology**, v. 62, n. 4, p. 658, 1992.

DE LIMA CAMARGO, Luiz Octávio. Os interstícios da hospitalidade. **Revista hospitalidade**, p. 42-69, 2015.

DERRIDA, J.; DUFOURMANTELLE, A. **Da hospitalidade**. Tradução de A. Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

FUNARI, P. P.; FREDERICO, I. B. A espiritualidade na hospitalidade: uma viagem da Antiguidade às Minas Gerais. In: BRUSADIN, L. B. (org.). **Hospitalidade e dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento**. Curitiba: Primas, 2017. [n.p.].

GODELIER, M. **O enigma do dom**. São Paulo: Record, 2001.

GOTMAN, A. La question de l'hospitalité aujourd'hui. **Communications**, v. 65, n. 1, p. 05-19, 1997.

JUNGER DA SILVA, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; LEMOS SILVA, Sarah; DE OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro. **Observatório das Migrações Internacionais**; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento das Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2024.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia**. v. II. São Paulo: Edusp, 1974.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2003.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva. Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MARCELINO, G. K.; CAMARGO, L. O. de L. Dimensões teóricas da noção de hospitalidade. In: BRUSADIN, L. B. (org.). **Hospitalidade e dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento**. Curitiba: Primas, 2017. [n.p.].

MÓNICO, L. et al. **A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa**. CIAIQ, v. 3, 2017.

MONTANDON, A. Espelhos da hospitalidade. In: MONTANDON, A. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, p. 31-37, 2011.

PEREIRA, Sandra. Sociologia da Comunicação: As bases de um estudo no contexto das organizações. SOPCOM: **Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação**, p. 1985-1995, 2005.

REIS, R. R. Soberania, direitos humanos e migrações internacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, p. 149-163, 2004.

ROSA, M. et al. **Os Waraos no Brasil**: Contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes. São Paulo: Acnur, 2021.

SANTOS, P. Migração e o princípio da hospitalidade: por uma eclesiologia e sociedade do acolhimento. **ESPAÇOS-Revista de Teologia e Cultura**, v. 26, n. 1, p. 121-128, 2018.

SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. In: SILVA, T. T. da (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. [n.p.].

SPRADLEY, J. P. **Participant observation**. Orlando: Harcourt Brace Jovanovich College Publishers, 1980. [n.p.].